

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

CARLOS EDUARDO SILVEIRA DE MOURA

**“CRI CRI O GRILO GAUDÉRIO”: RESGATE DOS ELEMENTOS DO
TRADICIONALISMO DO RIO GRANDE DO SUL ATRAVÉS DA NARRAÇÃO DA
HISTÓRIA**

**Porto Alegre
2010**

CARLOS EDUARDO SILVEIRA DE MOURA

**“CRI CRI O GRILO GAUDÉRIO”: RESGATE DOS ELEMENTOS DO
TRADICIONALISMO DO RIO GRANDE DO SUL ATRAVÉS DA NARRAÇÃO DA
HISTÓRIA**

Trabalho de conclusão apresentado
como requisito para obtenção do grau
de Bacharel em Biblioteconomia da
Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. (Mestre) Eliane
Lourdes da Silva Moro

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva

Vice Diretora: Prof^a Dr^a Regina Helena van der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof^a Dr^a Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe Substituta: Prof^a Dr^a Helen Beatriz Frota Rozados

CIP. Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M929c Moura, Carlos Eduardo S. de

“Cri Cri O Grilo Gaudério”: resgate dos elementos do tradicionalismo do Rio Grande do Sul através da narração da história/ Carlos Eduardo S. de Moura. – Porto Alegre: UFRGS, 2010.

Monografia (trabalho de conclusão de curso) (graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Graduação em Biblioteconomia, 2010. Orientadora: Eliane Lourdes da Silva Moro.

1. Tradicionalismo. – 2. Rio Grande do Sul. I. Moura, Carlos Eduardo S de. II. Moro, Eliane Lourdes da Silva (Orientadora). III. Título.

CDU: 398.1(816.5)

Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcellos, 2705, sala 507
CEP: 90.035-007 – Porto Alegre/RS
Tel: (51) 3316.5143
Fax: (51) 3316.5435
E-mail: dcu@ufrgs.br

CARLOS EDUARDO SILVEIRA DE MOURA

**“CRI CRI O GRILO GAUDÉRIO”: RESGATE DOS ELEMENTOS DO
TRADICIONALISMO DO RIO GRANDE DO SUL ATRAVÉS DA NARRAÇÃO DA
HISTÓRIA**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Examinado em ____ de _____ de 2010.

Banca examinadora:

Prof^a. (Mestre) Eliane Lourdes da Silva Moro
Departamento de Ciências da Informação – UFRGS

Prof^a. (Doutora) Lizete Dias de Oliveira
Departamento de Ciências da Informação – UFRGS

Prof^a. (Doutora) Lizandra Brasil Estabel
Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Patrão Velho, que está lá no céu, abençoando a todos com seu amor infinito, por ter me proporcionado a inserção em uma Universidade pública e oportunizar a conhecer esta profissão, a de bibliotecário.

Agradeço a minha família, principalmente meus pais, por estarem ao meu lado sempre que eu preciso.

Aos meus colegas, companheiros de batalha, de trabalhos, de conversas e amizade.

Agradeço às Prof^{as} Eliane Lourdes da Silva Moro e Lizandra Brasil Estabel não só pela orientação recebida, por sua fé e mais ainda pela paciência despendida nos projetos de contação de histórias.

Agradeço também aos amigos que, de uma forma ou outra, com palavras de incentivo ou não, me deram força para continuar nesta caminhada.

DEDICATÓRIA

Dedico a todos aqueles que fizeram parte da minha caminhada acadêmica e em especial à minha mãe de coração Silésia Matias Protti que Deus a tenha.

(em memória)

EPÍGRAFE

“As delicadas funções de um bibliotecário não se limitam a ordenar e classificar os tesouros confiados à sua guarda. Mais do que tudo é ele o auxiliar diligente dos estudiosos, o guia natural dos que fazem investigações de qualquer natureza...”

(Ramis Galvão)

RESUMO

O presente estudo relata como a atividade de contação de histórias contribui para o processo de aprendizagem de alunos do Ensino Fundamental da 4ª série sobre as tradições gaúchas e a cultura do nosso Estado. Apresenta aspectos que o texto contribui para suscitar o imaginário do aluno, responder indagações, enriquecer o vocabulário, favorecer a reflexão crítica, respeitar os momentos de falar e de ouvir, auxiliar na leitura e na escrita, conhecer aspectos da própria cultura e possibilitar a interação social. A prática da leitura de histórias que relatam as tradições, os costumes e o cotidiano do gaúcho na sala de aula nas escolas Públicas de Porto Alegre é um instrumento de fomento que contribuiu para a aprendizagem do aluno. Evidencia a importância da leitura de histórias com temática da tradição gaúcha transformando e ampliando o conhecimento dos alunos, de uma maneira que permite a eles se apropriarem dos elementos do livro, das histórias, os quais, talvez em outros momentos, não teriam acesso. As atividades de leitura possibilitam manter vivos na escola a vivência e o aprendizado acerca dos costumes e das tradições da cultura gaúcha. Este estudo apresenta como aporte teórico, os estudos de Infante, Bamberger, Neves, Busatto, Fagundes, Saraiva, Cortês e Lessa a respeito da importância da leitura no ambiente escolar, a narração, a arte de contar histórias e o Tradicionalismo. Apresenta também o gaúcho e a sua identidade regional no âmbito sociocultural, embasado em Vygotsky, que é um autor sócio-interacionista. O texto trabalhado foi de autoria de Jerônimo Jardim o livro de literatura infantil intitulado "Cri Cri o Grilo Gaudério" que enfatiza os elementos do tradicionalismo gaúcho e estimula os alunos a conhecerem as lendas gauchescas contribuindo para o enriquecimento de atividades que o currículo escolar desenvolve.

Palavras chaves: Tradicionalismo; Narração; Gaúcho; Cultura Gaúcha.

ABSTRACT

This study describes how the activity of storytelling contributes to the learning process of elementary school students in the 4th grade on the Gaúcho traditions and culture of our state. It presents aspects in which the text helps to attract the imagination of the student, to answer questions, to enrich vocabulary, to encourage critical thinking, to respect the moment of speaking and listening, to be of help in reading and writing, to get to know aspects of their culture and facilitate the interaction social. The practice of reading stories that describe the traditions, customs and daily life of the gaúcho in the classroom in public schools in Porto Alegre is a tool that has helped to promote student learning. It highlights the importance of reading stories about the Gaúcho tradition, transforming and expanding students' knowledge in a way that allows them to have access to the elements present in the book, and to the stories, to which they, perhaps, would not have otherwise. The reading activities keep alive the experience and the learning about the customs and traditions of the gaúcho culture at schools. This study has its theoretical basis on studies by Infante, Bamberger, Neves, Busatto, Fagundes, Saraiva, Cortes and Lessa, about the importance of reading in school environment, the art of storytelling and Traditionalism. It also presents the Gaúcho and its regional identity within a socio-cultural environment, based on Vygotsky, who is an author that defends social interaction. The text studied was "Cri Cri o Grilo Gaudério", by Jerônimo Jardim, a children's book that emphasizes the elements of gaúcho traditionalism and encourages students to know the gaúcho legends, this way contributing to the enrichment of activities that developed in the school curriculum.

Keywords: Traditionalism, Storytelling, Gaúcho, Gaúcho Culture.

LISTA DE QUADROS

Página

Quadro 1: Principais Elementos do Tradicionalismo Gaúcho..... 24

Quadro 2: Elementos Apresentados Pelos Alunos..... 46

LISTA DE SIGLAS

Página

CTG – Centro de Tradição Gaúcha.....	23
RS – Rio Grande do Sul.....	14

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1: O violão e o chimarrão.....	41
Figura 2: A dança gaúcha.....	42
Figura 3: O fandango.....	42
Figura 4: A pilcha.....	43
Figura 5: O grilo.....	44
Figura 6: O chimarrão.....	45
Figura 7: O grilo “gaudério”	52
Figura 8: A Rapunzélia “grila”	53

SUMÁRIO

	Página
1	INTRODUÇÃO..... 14
2	REFERÊNCIAL TEÓRICO..... 17
2.1	A Importância da Leitura no Ambiente Escolar..... 17
2.2	A Narração e a Arte de Contar História..... 19
2.3	Tradicionalismo, a descoberta do Gaúcho..... 21
2.3.1	Elementos do Tradicionalismo..... 23
2.3.2	Gaúcho: exemplo de identidade regional..... 26
2.3.3	O Tradicionalismo Gaúcho e o Meio Sócio Cultural..... 27
3	CONTEXTO DO ESTUDO..... 29
3.1	Escola Estadual de Ensino Fundamental Coelho Neto..... 29
3.2	“Cri Cri o Grilo Gaudério”..... 30
4	METODOLOGIA..... 33
4.1	Tipo de Estudo..... 33
4.2	Sujeitos do Estudo..... 34
4.3	Instrumento do Estudo..... 34
4.4	Coleta dos Dados..... 35
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS..... 36
5.1	Análise dos dados coletados com os alunos..... 36
5.2	Análise dos dados coletados com a professora..... 47
6	RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 54

REFERÊNCIAS.....	56
ANEXO A – Lei N ^o 8.744 de 9 de novembro de 1988.....	59

1 INTRODUÇÃO

O tradicionalismo do Rio Grande do Sul (RS) pode ser aprendido de diversas formas, diversos jeitos e maneiras, mas uma delas é muito significativa: o livro, onde podemos, através dele, resgatar os costumes e a forma como o gaúcho vivia e praticava sua cultura que é tão vasta e rica.

Esse estudo apresenta o quanto à prática de leituras de histórias que relatam as tradições os costumes e os cotidianos do gaúcho nas salas de aula de escolas públicas de Porto Alegre contribuem para a aprendizagem do aluno. Nesse aspecto, evidencio a importância da leitura das histórias acerca do assunto, pois dessa forma ela transforma o conhecimento dos alunos, de uma maneira que permite a eles se apropriarem dos elementos do livro, das histórias, os quais – talvez em outros momentos – jamais teriam acesso.

A prática da leitura está presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a "compreender" o mundo à nossa volta. A leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e entender o que se lê, possibilitando que o leitor apreenda o sentido do texto. O que não pode acontecer é a leitura transformar-se em mera decifração. Quando lemos algo, colocamos em prática a imaginação, ao qual não tem limites, podemos construir imagens e formular idéias a respeito do que lemos. Por meio da prática da leitura, além de adquirirmos mais conhecimento, podemos – também – reconhecer aspectos de diferentes culturas. Desse modo, a leitura se configura como um instrumento importante em nossas vidas. É algo essencial para o nosso aprendizado, porque é por meio dela que enriquecemos nosso conteúdo intelectual.

Ressalta-se, porém, que esse trabalho traz idéias básicas, não eximindo a leitura como único meio para se resgatar os aspectos do tradicionalismo gaúcho. Existem várias alternativas, por meio das quais, buscamos essas informações, podemos citar: na música, na dança e no cinema.

Assim sendo, o presente trabalho busca verificar e responder se a história do livro "Cri Cri o Grilo Gaudério" possibilita a identificação dos elementos do tradicionalismo do nosso Estado com as crianças da 4ª série de uma escola pública na cidade de Porto Alegre. Mediante a isso, nesse estudo, procuro reunir questões

teóricas de diversas fontes sobre leitura, elementos do tradicionalismo gaúcho, prática de leitura como elemento de aprendizagem e o tradicionalismo gaúcho, o meio sócio- cultural.

A sociedade, hoje, é convencionaada por modismos que invadem o cotidiano das pessoas, influenciando e ditando regras e modelos de comportamento que muitas vezes não condizem com a realidade do indivíduo. Diante da facilidade de acesso a informações, através da mídia é com certeza, incisivo no comportamento social e ideológico do indivíduo, divulgando uma “cultura alternativa” de forma avassaladora; criando e impondo a perda e exterminando a individualidade a cada um, onde, na maioria das vezes, estão muito distantes dos verdadeiros anseios da cultura do tradicionalismo gaúcho. A globalização das mídias e meios de comunicação contribui para que essa “cultura alternativa” se espalhe entre os alunos, muitas vezes confundi-os.

No ano de 2010, a 56ª Feira do Livro de Porto Alegre, tem como seu patrono, o tradicionalista, Paixão Cortês, figura máxima de referência da cultura e do tradicionalismo gaúcho, aliando significativamente à tradição gauchesca à leitura na praça.

Este trabalho tem como objetivos principais, verificar se a história “Cri Cri o Grilo Gaudério” possibilita as crianças a identificarem elementos do tradicionalismo do RS. Como objetivos específicos selecionar a turma dos alunos para a narrativa da história escolhida, identificar os elementos que a história apresenta sobre o tradicionalismo gaúcho através da narrativa, coletar os dados da pesquisa através de entrevista com os sujeitos participantes e analisar e avaliar se os elementos contidos na história apresentam traços do tradicionalismo gaúcho.

Assim, diante desses fatores relacionados, este trabalho enfatiza uma das melhores maneiras para se obter conhecimento dos elementos do tradicionalismo as práticas e vivências de leitura em sala de aula.

Este trabalho estrutura-se da seguinte maneira:

Inicialmente é apresentada a questão de pesquisa, os objetivos gerais e específicos do trabalho, nesta mesma seção. Em seguida é apresentado o referencial teórico, abrangendo a importância da leitura no ambiente escolar, narração de histórias, sobre o tradicionalismo gaúcho e seus elementos, e o

tradicionalismo gaúcho como meio sócio-cultural. Depois, é apresentado o contexto do estudo, envolvendo considerações acerca da Escola onde foi aplicada a pesquisa e o livro “Cri Cri o Grilo Gaudério”.

Após essas revisões, são expostos os procedimentos metodológicos da pesquisa, os objetos de estudo, o modo de coleta, os procedimentos de tratamento e análise dos dados, bem como as limitações da pesquisa. Logo depois são analisados os dados obtidos. Finalmente apresentam-se as considerações finais acerca de toda essa trajetória de trabalho, verificando sua adequação aos objetivos propostos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, serão abordadas as conceituações, as relações existentes entre os assuntos em questão e o embasamento teórico do estudo. O texto aborda a importância da leitura no ambiente escolar, a narração, a arte de contar histórias, o Tradicionalismo.

Apresenta o gaúcho e a sua identidade regional no âmbito sociocultural, embasado em Vygotsky, que é um autor sócio-interacionista.

2.1 A Importância da Leitura no Ambiente Escolar

A conceituação sobre leitura é ampla e diversificada. Infante (2000, p. 57) afirma que “é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade”. O aprendizado da leitura é uma tarefa contínua e permanente, que se enriquece com novas habilidades, à medida que se vão dominando adequadamente textos escritos cada vez mais complexos. Porém, conforme a atitude assumida durante o ato de ler pode-se absorver e aprofundar as idéias.

Para Bamberger (1987, p. 92) o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências culturais, e dos esforços conscientes da educação e das escolas públicas.

Neste aspecto que surge a importância da leitura no ambiente escolar, pois a escola tem por obrigação de proporcionar a seus alunos acesso ao conhecimento e a leitura, Bamberger (1987, p. 50) afirma que a oportunidade de ler, ou seja, a disponibilidade de livros representa um papel decisivo no despertar na leitura, “ler é participar mais crítica e ativamente da comunicação”.

A leitura é uma atividade essencial é um dos principais recursos de que o professor dispõe para combater a massificação e possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista.

Foi afirmado anteriormente que, ao experimentar a leitura, o leitor executa um ato de compreender o mundo. De fato o propósito básico de qualquer leitura é a apreensão dos significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito, ou seja, a compreensão dos horizontes inscritos por um determinado autor em uma determinada obra. (SILVA, 1987, p. 43)

Neves (2007, p. 20) afirma que

Deve ser ressaltado que, para se tornar efetiva, isto é, produzir sentidos ou significados, a leitura formal/ textual necessita estar amparada em outras formas de leitura, que Freire (1988) denomina leitura do mundo e que segundo o autor, deve preceder a leitura da palavra.

Por outro lado, Almeida Junior (2007, p. 33-35) diz que “ler é o processo que permite a relação entre nós e o mundo”, a leitura é realizada a partir do acervo de conhecimento de cada pessoa. Cada leitura. Dessa forma, é individual, diferente de outra leitura, pois não pode prescindir dos referencias de quem a realiza.

Assim, ler significa interpretar o sentido das palavras, reconhecer e perceber o significado literal de uma passagem, que sempre se apresenta intencionalmente como algo mágico enquanto processo da descoberta e não somente memorizar a mensagem, mas ser capaz de compreender e fazer uma avaliação e um questionamento do que leu.

A importância da leitura no ambiente escolar é de fundamental relevância ao qual foi instituída pelo Estado do Rio Grande do Sul a Lei Nº 8.744, de 09 de novembro de 1988¹ que determina no seu Artigo 5º. *As escolas que já possuem biblioteca e progressivamente nas que a forem tendo, o horário semanal de leitura nos estabelecimentos do Sistema Estadual de Ensino, com o objetivo de estimular o contato do educando com obras literárias, tanto nacionais quanto estrangeiras.* Observa-se que através desta Lei tornou-se obrigatório nas escolas estaduais um horário estabelecido semanalmente para a leitura.

¹http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=19382&Hid_IDNorma=19382

2.2 A narração e a Arte de Contar Histórias

A arte de contar histórias é uma prática milenar que se teve seu início desde os primórdios da humanidade por meio da tradição oral, principalmente no Império Árabe – por meio das famosas histórias presentes na obra “As Mil e uma Noites”, contadas por Sherazade. O contar histórias desperta o interesse pela leitura e estimula a imaginação através da construção de imagens interiores. Narrar uma história será sempre um exercício de renovação da vida, um encontro com a possibilidade, com o imaginário e o desafio de, em todo tempo e em todas as circunstâncias em construir um final a maneira de cada leitor/ouvinte. A contação de histórias age na formação da criança em várias áreas. Contribui no desenvolvimento intelectual, pois desperta o interesse pela leitura e estimula a imaginação por meio da construção de imagens.

As escolas devem promover a formação de seus professores das séries iniciais possibilitando o contato com conceitos e técnicas de formação para contadores de histórias para capacitá-los para a percepção e uso dos valores do texto. As histórias também desenvolvem uma função de construção de conhecimento social da realidade junto à formação de valores e conceitos, contar e ouvir histórias são uma possibilidade libertária de aprendizagem e uma atividade de suma importância na construção do conhecimento.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Segundo Freire. “É essa leitura que o aluno traz consigo como patrimônio de sua singularidade, como ser cultural, com impressões e reações, que tem que ser intercambiada a todo o momento para gerar novos saberes, novas informações”.

Para que o espaço de sala de aula seja lugar de prazer e de condições necessárias às diferentes aprendizagens, inclusive a da leitura, é preciso oferecer mínimas condições de ambientação, de cuidado com a sala de aula, de sua preparação e adequação às práticas de contação de histórias. O espaço já conta, ele mesmo, como elemento formador, como referencial de posturas e conhecimento. Daí que um lugar reservado para ser o canto de leitura revela-se instrumento importante à formação de leitores.

Segundo Von Frans, em suas diversas publicações sobre o tema destaca a importância do conto, relacionando-os com os mitos e ritos e enfatizando a importância em analisar os contos da atualidade.

[...] podem se desenvolver e ampliar enriquecendo-se através do acréscimo de temas arquetípicos. Se elas são contadas por pessoas dotadas de imaginação e de um talento de contador de histórias elas podem se tornar bonitas (Von Franz, 1981, p. 32).

O papel do contador de histórias é extremamente importante dentro da discussão sobre a escolha da utilização de um conto de tradição oral. Seu papel é o de trazer ao público ouvinte a palavra de outro. O fato de ser uma testemunha que não se identifica com os personagens mostrados, no entanto, não o condena irremediavelmente a um estilo neutro ou objetivo ele manifesta sua simpatia e faz comparações. Através da contação de histórias é possível descobrir novas palavras, deparar-se com a música e com a sonoridade das frases e dos nomes, se capta o ritmo e a cadência do conto.

Segundo Busatto (2003) “o contador de histórias deve contar com o coração”, assim, ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reativar o sagrado. Se quisermos que a narrativa atinja toda a sua potencialidade devemos, sim, narrar com o coração, o que implica em estar internamente disponível para isso, doando o que temos de mais genuíno, e entregando-se a esta tarefa com prazer e boa vontade. Ao contar doamos o nosso afeto, a nossa experiência de vida, abrimos o peito e compactuamos com o que o conto quer dizer. Por isso torna-se fundamental que haja uma identificação entre o narrador e o conto narrado.

Segundo Silva (1997) “a força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva”. Nesse sentido, a ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens; mas sem perder o senso crítico, que é estimulado pelos enredos assim, como o tradicionalismo que tem uma

força muito importante na história do “Cri Cri” buscando assim a sua identidade como gaúcha de fato.

2.3 Tradicionalismo, a descoberta do Gaúcho

Quando o primeiro gaúcho deixou a campanha e se mudou para a cidade bateu “a nostalgia dos transplantados”, a saudade dos pagos, que ele, o gaúcho, tratou de amenizar com o uso diário do chimarrão, com a culinária gauchesca e até mesmo com a utilização discreta ou ostensiva das pilchas campeiras. Era o começo da tradição gaúcha. Tradição é a memória cultural de um povo. É um conjunto de idéias, usos, memórias recordações e símbolos conservados pelos tempos, pelas gerações, transmitidos de pais para filhos.

Tradicionalismo é a tradição em marcha, passando de geração à geração. É a arte de colocar em movimento as peças de uma tradição são os meios pelos quais a tradição passa de pai para filho, é um movimento gaúcho que busca conservar as boas coisas do passado através do culto e da vivencia. (CAMARGO, 2000, p.73)

Nesse sentido, tradição quer dizer os cultos dos valores que os antepassados nos legaram nos entregaram. Os gaúchos se distinguem de outros brasileiros – e mesmo de outros povos, no mundo – porque tem uma escala de valores muito característica.

O tradicionalismo só existe no Rio Grande do Sul. Quando existe fora daqui, é o gaúcho, que estende muito longe os seus braços, para estreitar junto ao coração, em todas as querências, os gaúchos, as gaúchas e seus descendentes. Segundo (FAGUNDES 97, p. 38).

Tradicionalismo é um movimento cívico - cultural. É a tradição em marcha, resgatando valores que são válidos não por serem antigos, mas por serem eternos, exatamente os valores que trouxeram o Rio Grande e o gaúcho do passado para o presente, projetando-os no futuro.

Assim, desde o século passado, a fundação de entidades tradicionalistas aponta para a tentativa de se organizar a tradição em movimento.

Segundo Saraiva, (1961) na Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista do Rio Grande do Sul, tradicionalismo ou Movimento Tradicionalista “é um organismo social, perfeitamente definido e estatuído, de natureza cívica, ideológica doutrinária, com características próprias e singulares que o colocam em plano especialíssimo no panorama da vida rio-grandense, brasileira e americana”.

Cumprindo ciclos sociais, culturais, literários e artísticos de natureza nativista, procurando influir em todas as formas de manifestação da vida e do pensamento rio-grandenses. O Tradicionalismo gira em uma órbita que tem como centro os problemas rurais da nossa terra, o homem brasileiro em geral e o rio-grandense em particular, sua maior expressão, e onde estão fixadas as suas raízes mais profundas.

O primeiro movimento organizado, voltado à defesa das tradições gaúchas, em sua arte, lutas e costumes, foi a fundação do Grêmio Gaúcho de Porto Alegre em 1898, foi seu mentor e fundador João Cezimbra Jaques e também publicou, em 1883, ensaios sobre os costumes do Rio Grande do Sul sendo assim cognominado o Patrono do Tradicionalismo. Em 1899, ocorreu em Pelotas, a fundação da União Gaúcha, por João Simões Lopes Neto, que possuía uma grande energia cultural regionalista. Ele publicou Lendas do Sul, Contos Gauchescos onde sua maior preocupação foi levar o gauchismo às escolas, indagando pelo amor as coisas do pago, preservando os hábitos familiares, avivando os usos e costumes, praticando as danças gauchescas esquecidas pelos cantos dos galpões.

Segundo Fagundes no Caderno de História, nº 22, “Para haver tradicionalismo tem que haver distância”. Não se sente saudade do que está perto. Nesse sentido, sem traumas e sem nostalgias maiores, aqueles pré-tradicionalistas se dissolveram no tempo.

Segundo Cortês (1994), “[...] em Porto Alegre o tradicionalismo era um movimento que tinha um ideal, objetivos, território, mas sem altar para desenvolver suas crenças”. Foi quando um grupo de estudantes, revoltado com o descaso às tradições dos pagos, fundou o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil Júlio de Castilhos, liderado pelo jovem tradicionalista João Carlos Paixão Côrtes. Paixão Côrtes saiu por Porto Alegre a catar companheiros para a aventura, arreios e cavalos. Assim, no dia 05 de setembro de 1947, ele montou garbosamente com mais sete companheiros, arrancando aplausos da multidão ao longo da Avenida

Farrapos, até a Praça da Alfândega, onde o desfile fez uma parada estratégica. Eles ficariam na história como os “Oito Magníficos”, os verdadeiros iniciadores do Movimento Tradicionalista. Pouco dias depois, sempre por iniciativa de Paixão Côrtes, realizou-se no Colégio Júlio de Castilhos a 1ª Ronda Crioula do Tradicionalismo os moços resolveram fundar uma entidade permanente para a defesa das tradições gauchescas. Funda-se, depois de muita discussão, o “35” - Centro de Tradições Gaúchas, nome proposto por Barbosa Lessa. Flávio Ramos propõe o lema: “Em qualquer chão — sempre gaúcho!”.

2.3.1 Elementos do Tradicionalismo

O tradicionalismo cumpre os seguintes ciclos: social, cultural, literário, artístico de natureza cívica, além do fortalecimento, da integração com o objetivo de promover o bem comum, o bem coletivo.

A partir da fundação do “35 Centro de Tradições Gaúchas”, em Porto Alegre, o tradicionalismo passa a ser movimento e se consolida como movimento, através de três direções, velocidades, acelerações e sentido. Orreda (1992, p.3) faz comentários ao tradicionalismo, caracterizando-o como uma cultura benéfica a todos que a cultuam e a ela se identificam.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho estimula a valorização da história e da cultura, não só do Rio Grande do Sul, mas no Brasil e em todos os estados onde atuam os CTGs (Centros de Tradições Gaúchas). Não só estimula, mas promove sim, a história da conquista da terra, das tradições, das festas, das canções, da literatura, do folclore da etnografia, hábitos e costumes através do conagraçamento e alegria de viver em fraternidade. As meninas aprendem a bordar cozinhar, estudar, ler, cuidar da casa, cantar, dançar, recitar. Os meninos, postura física, coragem, laçar, igualmente estudar, ler, ser cavalheiro, depois cavaleiro, ambos o respeito pelo outro, pelo próximo, pela natureza, pelos mais velhos, conquistam civismo e cidadania.

Nesse sentido, as formas de representação são variadas, através da música gaúcha, do hábito de tomar chimarrão e saborear churrasco, através dos bailes e dos trajés típicos de vestir do gaúcho. Os CTGs são os pólos difusores da cultura tradicionalista gaúcha têm como finalidade a preservação, como também a divulgação das práticas campeiras e artísticas tradicionais. Na modalidade campeira

é presenciado o homem na lida com o gado como, por exemplo, a prova de tiro de laço. Na modalidade artística presencia-se o folclore rio-grandense, através de competições com a música regional, com a dança, com os cantos e instrumentais. Os CTGs se concentram como a base de sustentação dos princípios gaúchos. O rodeio passa a se identificar como extensão desse ideário. Um exemplo seria a forma de julgamento das provas, que são credenciadas pelas normas e regras criadas pelos fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho, entre eles Luiz Carlos Barbosa Lessa e João Carlos D'Ávila Paixão Cortês.

Para uma melhor compreensão desse estudo o Quadro 1 elenca e identifica os principais elementos do tradicionalismo gaúcho que serão objetos de análise na aplicação dos instrumentos da pesquisa.

Danças (Fandango):	As danças estão impregnadas do verdadeiro sabor crioulo do Rio Grande do Sul, são legítimas expressões da alma gauchesca. Em todas elas está presente o espírito de fidalguia e de respeito à mulher, que sempre caracterizou o campesino rio-grandense. Todas elas dão margem a que o gaúcho extravase sua impressionante teatralidade. A mais típica representação tradicional do Rio Grande do Sul, no campo das danças, é o velho "fandango". Chamou-se "fandango", no antigo Rio Grande, a uma série de cantigas entremeadas de sapateado.
Chimarrão:	De descontração, fazendo parte de um ritual indispensável para unir gerações. O mate pode ser tomado de três maneiras: solito (isoladamente), parceria (uma companheira ou companheiro) e em roda (em grupo). O mate solito faz parte da cultura do homem que não precisa de estímulo maior para matear do que sua própria vontade. Pode-se dizer que é o verdadeiro mateador, ao contrário do mate de parceria, em que a pessoa espera por um ou dois companheiros. É na roda de mate, porém, que esta tradição conquistou seu apogeu, agrupando pessoas em torno de uma mesma ação: chimarraer.
Indumentária/pilcha:	Pilcha é a indumentária gaúcha tradicional , utilizada por homens e mulheres de todas as idades. O CTG disciplina o seu uso e no estado do Rio Grande do Sul é, por lei, traje de honra e de uso preferencial inclusive em atos oficiais públicos. É a expressão da tradição, da cultura e da identidade própria do gaúcho, motivo de grande alegria e celebração em memória do pago. Conforme os ditames e as diretrizes traçadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Centros de Tradições Gaúchas (CTGs):	São sociedades civis sem fins lucrativos, que buscam divulgar as tradições e o folclore da cultura gaúcha tal como foi codificada e registrada por folcloristas reconhecidos pelo movimento. Visam à integração social dos seus participantes, os tradicionalistas, ao resgate e à preservação dos costumes dos gaúchos, através da dança, do churrasco e de esportes. Existe muitos Centros de Tradições Gaúchas no Brasil, mas principalmente no estado do Rio Grande do Sul.
Lendas:	Lenda é parte importante do folclore de um povo, As lendas são assim um depoimento que o povo faz sobre si mesmo e para si mesmo. A lenda é como um excelente material de estudo, razões esta no fato de ela expressar nitidamente uma hierarquização de valores e elementos mais importantes do cotidiano do povo que a engendrou o RS é rico em lendas. O caldeamento das etnias que forjaram o povo gaúcho enriqueceu o repertório de nossa gente.
Trovas:	A Trova é uma poesia em sextilhas, cantada de improviso e realizada em desafio por dois cantadores acompanhados por músicos ela apresenta, geralmente, uma seqüência que parte da saudação ; passa pelo assunto e pelo puaço , espécie de agressão verbal; e termina com a despedida . A prática exige habilidade técnica, destreza de pensamento, resistência e disponibilidade para o jogo. O assunto toma consistência até esgotar um dos desafiantes, que propõe o verso de despedida, sendo seguido pelo cantador vitorioso.

Quadro 1: principais elementos do tradicionalismo gaúcho

Fonte: <http://www.mtg.org.br/documentos.html>

Os CTGs são as evidências de um modelo influenciador da cultura gaúcha, passando a crescer gradativamente. Segundo FISCHER (2010), “o Tradicionalismo ganhou força inédita, nos anos 1970 e 1980 foram marcados por uma expansão impressionante das instituições tradicionalistas”. Nesse sentido, os CTGs representam uma forma de se manter as raízes do gaúcho da estância, como também se mobilizava para fundar outras entidades tradicionalistas pelo Brasil afora criando assim uma identidade regional.

O tradicionalismo não é um movimento elitista. Para o tradicionalismo, o patrão é tão importante quando o peão, o piá que declama um poema, como o folclorista, o historiador, como a menina que se elege primeira prenda, o rapaz que sapateia a chula, como o ginete que enfrenta os corcovos de um “aporreador”, o colono e como o gaúcho da campanha ou dos centros urbanos. Apesar dos

inúmeros serviços prestados pelo tradicionalismo ao estado, muito ainda há para fazer em todos os segmentos da sociedade.

2.3.2 Gaúchos, um exemplo de identidade regional

As peculiaridades do Rio Grande do Sul contribuem para a construção de uma série de representações em torno dele que acabam adquirindo uma força quase mítica que as projeta até nossos dias e as fazem informar a ação e criar práticas no presente. Segundo Oliven (2008, p.6) “o gaúcho é marcado pela bravura que é exigida do homem ao lidar com as forças da natureza e a árdua vida campeira”. Nesse sentido, a construção social da identidade do gaúcho há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso no qual se forjou sua figura, cuja existência seria marcada pela vida em vastos campos, a presença do cavalo, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade e a honra.

[...] Todos tendem a retratar um gaúcho estandardizado, mitificado, tornando herói anteriormente pela literatura ufanista e pela historiografia oficial, sendo que alguns deles popularizaram-se ao estenderem-se aos setores mais baixos da população. (JACKS, 2008, p. 207).

Por isso, a figura do gaúcho ao longo do tempo sofreu processo de elaboração cultural até ter o atual significado de habitante do Estado. Nem sempre a figura do herói era presente na literatura, no período colonial, os habitantes do Estado eram chamados de guasca e depois de gaudério. Somente no final do século 18 eles são chamados de gaúchos, vocábulo que tem a mesma conotação pejorativa até meados do século 19 quando, com a organização da estância, passa a significar o peão e o guerreiro com um significado positivo.

[...] O que se chamaria de identidade cultural se dá como um processo de singularização muito característico, que supera o etnocentrismo e dá conta das diferenças. Superar o etnocentrismo e dar conta das diferenças implica também construir representações e promover identificações. Implica elaborar teses sobre a identidade regional fronteiriça [...] (SCHÜLLER, 2004, p. 50).

O espaço fronteiriço é identificável pela permanência de uma cultura periférica comum, dentro dos limites nos quais foram durante muito tempo os definidos a partir do processo da exploração da imagem do gaúcho. Trata-se de um espaço como a região da campanha, um mundo pampeano a respeito do qual o trato da identidade regional propõe questões como o do regionalismo e o da literatura com todos os seus desdobramentos.

[...] foi ao descobrir esse gaúcho gente, que a literatura deu um salto de qualidade. Homem pobre do pampa, o peão da estância já não podia ser mais o gaúcho mitificado literalmente, já não podia ser o gaúcho ideal, bravo, valente, heróico e guerreiro típico cria do RS [...] (SCHÜLLER, 2004, p.52).

Abandonar o gaúcho ideal não é fácil, essa figura ainda continua viva, em geral a serviço do poder e dos poderosos. Ela tem sido revivida, pilchada por ai nas gauchadas nos Centros de Tradições, na musica campeira e na literatura. Por tudo isso o Rio Grande do Sul pode ser visto como um mosaico de diferentes culturas que se amalgamaram para dar origem a esse Estado cheio de luzes de diferentes cores, que formam um conjunto criativo de contribuições e que fazem parte desse contexto.

2.4 O Tradicionalismo gaúcho, o meio sócio - cultural

Dentre os autores que evidenciam o social pode-se destacar Vygotsky cujas preocupações estão determinadas pela época e pelas circunstancias nas quais viveu, entretanto, esforçava-se por construir uma nova sociedade. Segundo Delval, (2001).

[...] o conhecimento está na sociedade e o sujeito deve incorporá-lo. Uma peculiaridade da posição vygotskiana é que as formas sociais do conhecimento determinam as formas de pensar dos indivíduos. Isso é que o conhecimento que existe socialmente não apenas determina o conteúdo, mas também a forma do pensamento dos sujeitos.

Nesse sentido, Vygotski mostra que o conhecimento encontra-se já feito na sociedade e o sujeito apropria-se dele, com ajuda dos adultos, entretanto, ele não explica como se realiza esse interiorização do conhecimento. Atualmente os

vygotskianos falam do conhecimento compartilhado, do conhecimento conjunto da participação guiada, eles acentuam o papel dos outros na formação do conhecimento.

Os conhecimentos estão aí, na mente de outras pessoas ou recolhidas em produções culturais, entre as quais se destacam os textos. As palavras são para as crianças um meio de contato social com outras pessoas. Os significados das palavras fornecem a mediação simbólica entre o indivíduo e o mundo, ou seja, como diz Vygotsky (1987), é no significado da palavra que a fala e o pensamento se unem em pensamento verbal. Para ele, o pensamento e a linguagem iniciam-se pela fala social, passando pela fala egocêntrica, atingindo a fala interior que é o pensamento reflexivo. A relação entre pensamento e palavra acontece em forma de processo, constituindo-se em um movimento contínuo do pensamento para a palavra e vice-versa. Esse processo passa por transformações que, em si mesmas, podem ser consideradas um desenvolvimento no sentido funcional. Vygotsky (op.cit.) diz que o pensamento nasce através das palavras. É apenas pela relação da criança com a fala do outro em situações de interlocução, que a criança se apropria das palavras, que, no início, são sempre palavras do outro.

Segundo Vygotsky (1989), a aprendizagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento do saber, do conhecimento. Nesse sentido, todo e qualquer processo de aprendizagem é ensino-aprendizagem, incluindo aquele que aprende aquele que ensina e a relação entre eles, isso explica esta conexão entre desenvolvimento e aprendizagem.

Vygotsky apresenta também o processo da mediação e, neste estudo, o pesquisador se torna mediador na atividade da contação da história “Cri Cri o Grilo Gaudério” mediando o texto entre os alunos ouvintes.

3 CONTEXTO DO ESTUDO

Nesta seção será apresentado o histórico da instituição escolar, escola onde ocorreu a atividade da narrativa e a aplicação do instrumento de coleta de dados.

3.1 Escola Estadual de Ensino Fundamental Coelho Neto

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Coelho Neto foi criada pelo Decreto Nº 6.683 de 12 de setembro de 1955. Iniciou suas atividades em 01 de maio de 1956 funcionando no prédio nº 243, da Rua Jordão. Possuía quatro salas de aula, contava com nove professores e pouco mais de 100 alunos.

Passou a chamar-se de Grupo Escolar Coelho Neto após a mudança para o local onde se encontra atualmente, na Rua Alexandre Herculano, nº 11, isso ocorreu no dia 23 de setembro de 1957 pelo Decreto Nº 8.181/57.

O nome da escola foi escolhido em homenagem ao escritor e poeta maranhense Henrique Maximiliano Coelho Neto, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras tendo sido presidente desta em 1926.

O local onde a escola esta construída era uma praça chamada Jesus de Nazaré. O terreno foi cedido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre em 11 de dezembro de 1959. Por ocasião da inauguração das novas instalações passou a funcionar em dois pavilhões com seis salas de aula funcionando em três turnos com dezesseis professores em um total de 419 alunos. Nesta época o uniforme da escola era avental branco.

Alguns aspectos podem ser destacados tais como a participação da escola em vários campeonatos desportivos, patrocinados pela mantenedora. Entre eles cita-se: os Jogos da Juventude Escolar, fase regional de Porto Alegre, na categoria mirim, consagrando-se campeões no período de 1988 até 1991, na modalidade de voleibol masculino.

Não há acesso aos alunos cadeirantes nas quadras poliesportivas. As adaptações na sala de aula, no banheiro e as rampas de acesso foram feitas precariamente pela escola.

A biblioteca funciona em uma das salas do pavilhão, situada na entrada da Escola e apresenta um bom acervo.

Atualmente a escola possui em seu quadro 34 professores e 5 funcionários distribuídos em turno da manhã e no turno da tarde.

Uma das maiores dificuldades da escola são as condições precárias das salas de aula, onde deveria ter um ambiente propício para a hora da leitura, necessitando de constante manutenção devido a pouca verba, que dificulta o acesso aos alunos com Necessidades Especiais, as atividades de leitura e a promoção das atividades do tradicionalismo gaúcho.

A escola participa também do projeto - Escola Aberta para a Cidadania e, no período da noite, funciona nas suas dependências, cinco turmas do Pró-jovem.

3.2 “Cri Cri o Grilo Gaudério”

Dentre as temáticas que a literatura traz destaque aquelas que tratam de tipos que representam determinadas identidades regionais, mais especificamente, no âmbito de análise dessa pesquisa, aquelas obras de literatura infantil que tratam da figura do gaúcho.

Quando me refiro à figura do gaúcho, considero que ela suscita uma associação a imagem de gaúcho da região da campanha, pilchado, a cavalo, tomando chimarrão. Embora não seja possível, de maneira alguma, afirmar que todos os gaúchos possam ser assim representados, esta é uma imagem cujo poder simbólica como representação de uma identidade cultural adquiriu uma legitimidade inegável, circulando em diversas instâncias e constituindo, em maior ou menor grau.

A escolha deste livro se deu, sobretudo pela utilização do falar e de expressões regionais do gaúcho, além de terem como personagens principais bichos com vestimenta de gaúcho, prendas e como cenários a estância e o fandango, enfim, por tal obra estar diretamente relacionada ao universo do gauchismo. Segundo afirma Marchi (2000), no que se refere à literatura infantil gaúcha, a linguagem coloquial sul-rio-grandense está presente em várias obras, sendo que a estrutura da fala gauchesca foi recriada pelo autor na esfera do lúdico e do estético,

e com ela o mundo pastoril das lides campeiras. Sinais lingüísticos indicativos da expressão regional como “tchê!” Foi unido à linguagem coloquial e contemporânea e transpostos para a literatura infantil, assim como o hábito de usar o pronome “tu”.

Na obra de Jerônimo Jardim pode-se perceber claramente a influência dos elementos simbólicos da tradição gaúcha, bem como de ambientes como os do CTG. O chimarrão é, com certeza, um dos maiores ícones do universo simbólico do gauchismo, estando presente não somente no ambiente rural, mas também nas cidades do Rio Grande do Sul e do Brasil, marcando a identidade daqueles que o tomam. O chimarrão acompanha o personagem, “Cri-Cri, o grilo gaudério”, na história durante vários momentos do dia e aparece no enredo como um símbolo que marca e que representa o gauchismo, conforme os trechos a seguir:

“- Um dia grilou a peonada na roda de chimarrão”. (p. 04)

“- Cri-Cri quase esalfou o amigo Pipeiro galopando légua e meia. Acampou nas barrancas de uma sanga. Largou o petiço a pastar, fez chimarrão e um arroz-de-carreteiro “. (p. 09)”.

O universo do gaúcho criado pelos CTGs povoa as cenas e os personagens que está inserido na história de Jerônimo Jardim. “Cri-Cri, o Grilo Gaudério”, é narrada a história de um grilo que anseia por correr o mundo, numa clara alusão ao termo gaudério – que significa pessoas sem ocupação regular, vagabundo, andarilho.

Na história do “Cri Cri o Grilo Gaudério”, o herói é construído a partir de suas características como aventureiro, trovador, aquele gaudério que corre o mundo em busca de seu destino. No início do livro já há a descrição de algumas destas características de “Cri-Cri”, o grilo que era “violeiro por vocação, peão por necessidade”, e que resolve abandonar a estância na qual trabalhava para virar trovador, até achar seu destino, como ele mesmo deixa claro:

“- Vou embora pra cidade. De hoje em diante sou Ortóptero da Silva, o grilo trovador.

- Cri-Cri, vais virar gaudério? – caçoou o capataz.

- Até achar meu destino “(p. 04)”.

“Cri-Cri” parte em busca do seu destino, sempre fazendo trovas. Ele passa por vários lugares nos quais não é bem recebido, até que um dia, “- *depois de tão longa e solita gaudereada, achou um povoado que recebia bem os forasteiros. Faixas e cartazes anunciavam pra noite um animado fandango*” (p. 15).

Durante toda a história, a presença de trovas entremeadas é constante no texto, as quais também vão contando a história do grilo – muitas das trovas são declamadas/cantadas por Cri-Cri. A narração termina com chegada do herói à cidade grande e “- *então soube de um concurso pra trovadores de pago*” (p. 19). O grilo sai vencedor, fica famoso e “- *dizem que em ação mui arriscada raptou Rapunzélia. O certo é que casaram, tiveram um montão de grilos e foram muito felizes*” (p. 27). Na última página do livro, lê-se “- Tchê End”, expressão na qual o vocábulo inglês *the* é substituído pela expressão gaúcha *tchê*, mais um elemento a marcar o universo simbólico do gauchismo.

4 METODOLOGIA

Todo o estudo científico deve ser embasado em uma metodologia apropriada, para que seus resultados atinjam os objetivos desejados, este item focalizará os procedimentos quanto ao tipo de estudo, sujeito de estudo, instrumento de pesquisa e a análise dos dados. A pesquisa foi de abordagem qualitativa que, segundo Neves (1996), pode ser caracterizado pela procura do pesquisador para entender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação pesquisada e, a partir daí situar a sua interpretação do estudo.

Portanto desta forma, foi contada a história do “Cri Cri o Grilo Gaudério” e após a narração os alunos responderam a uma entrevista para medir o grau de aprendizagem.

4.1 Tipo de Estudo

O tipo de estudo que foi realizado é um estudo de caso que conforme indica Yin (2001, p. 32), “[...] é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

A escolha deste método, estudo de caso serve para analisar um fenômeno em curso e em seu ambiente real. Parte do princípio que é possível explicar um fenômeno através da análise exaustiva e minuciosa de uma única unidade de estudo, propicia a emissão do pesquisados na realidade investigada. A investigação qualitativa utiliza principalmente metodologias que possam criar dados descritivos que lhe permitirá observar o modo de pensar dos participantes numa investigação.

Como principais vantagens deste tipo de investigação, temos o método ideal para caracterizar e aprender acerca de um indivíduo em particular. Outra vantagem muito importante no estudo de caso é o fato de o investigador poder, a qualquer momento da investigação, alterar os métodos da recolha de dados e estruturar novas questões de investigação.

Em síntese, a investigação constitui um estudo de caso qualitativo na medida em que decorreu em ambiente natural (sala de aula), com um número reduzido de

sujeitos (uma turma de 4^o série do ensino fundamental com apenas 17 alunos) onde, a cada momento, surgiram novos aspectos importantes para investigar. O professor foi o principal agente de recolha da turma para coletar os dados através da entrevista.

4.2 Sujeitos do Estudo

Os sujeitos deste estudo são os alunos de uma turma de quarta série do Ensino Fundamental da Escola Estadual Coelho Neto. Essa turma compõe uma das seis turmas de quarta série da Escola, que de acordo com minha observação junto ao professor foi à base para iniciar um trabalho de estudo de caso. Foi considerado para efeito desta pesquisa 35% da turma, somando-se um total de seis alunos escolhidos aleatoriamente.

Os critérios para seleção dos sujeitos deste estudo foram elaborados atendendo às seguintes características:

- Alunos de uma escola pública da quarta série;
- Seis alunos para atender as características de um estudo de caso;
- De ambos os gêneros, três meninas e três meninos;
- A professora dessa mesma turma a fim de verificar a aplicação de atividade de leitura com a turma.

4.3 Instrumento da Pesquisa

O instrumento de coleta de dados neste estudo foi a entrevista. A entrevista, conforme Gil (1999) afirma, é um método, onde o pesquisador, já de metas definidas acerca do objeto de sua pesquisa, entra em contato com as pessoas para através de um diálogo informal ou estruturado adquirir os dados necessários para fundamentar as questões levantadas em sua pesquisa. As vantagens da entrevista, de acordo com Gil (1999), seria a maior cobertura para os assuntos (pode haver anonimato), sem contar que estimula o raciocínio entre o entrevistado e o entrevistador.

Nesse mesmo sentido, Ludke e André (1986) afirmam que a entrevista estabelece a relação de interação, uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Atingindo assim, um maior número de pessoas e adaptações tornando-a eficaz na obtenção de informações desejadas. Foi utilizada a entrevista semiestruturada que partiu de um esquema básico, não aplicado com rigidez possibilitando adaptações pelo entrevistador.

4.4 Coleta de Dados

A coleta dos dados neste estudo foi exclusivamente feita pelo investigador e no contexto escolar, baseando-se fundamentalmente: por ter sido ex. aluno da escola; no inquérito (entrevistas); pela facilidade de contato com a direção da escola e com o professor ao fazemos uma pequena reunião sobre a pesquisa e a aceitação da escola para a aplicação do estudo.

Neste estudo, optou-se pela entrevista semiestruturada de cunho qualitativo por ser mais adequado ao contexto e por permitir maior segurança ao investigador e aplicada aos alunos e professora (sujeitos deste estudo).

Foram utilizadas questões norteadoras da entrevista para orientar as perguntas do pesquisador e auxiliar as respostas dos entrevistados. A entrevista foi realizada em um único dia, logo após a narração da história para aproveitar o momento em que o texto trabalhado significava presente no contexto dos sujeitos entrevistados.

As limitações do estudo estão relacionadas à capacidade de compreensão dos alunos com relação à pesquisa.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Na análise dos dados a opção escolhida foi citar partes das respostas de maneira direta, levando em conta a ética e o cuidado, para que os resultados reflitam verdadeiramente os objetivos da pesquisa. Os dados referentes a este estudo foram obtidos a partir de uma entrevista, respondidos pelos alunos de quarta série do ensino fundamental do turno da tarde de uma escola pública de Porto Alegre especificado no capítulo anterior, contendo onze perguntas, cinco para os alunos e seis para a professora. Nenhum aluno foi identificado a fim de garantir a lisura dessa pesquisa sendo utilizadas somente as letras iniciais de seus nomes.

A entrevista foi dividida em dois momentos: num primeiro momento foram entrevistados os alunos que responderam sobre a história contada e num segundo momento a professora ao qual foi entrevistada sobre a atividade de leitura.

Os dados foram tabulados, qualitativamente tratados através de análise simples. A apresentação foi realizada conforme a descrição das respostas dos alunos, ou através de citações das respostas obtidas, seguidas de análise e comentários. Assim, a apresentação está diretamente condicionada ao tipo de questão proposta no instrumento de coleta de dados conforme a ordem.

Na apresentação são analisados primeiramente os dados obtidos através da participação dos alunos, em respeito à ética em relação à identidade dos sujeitos do estudo, sem destacar a idade e o gênero, mas elencando em aluno 1, aluno 2 e assim sucessivamente.

5.1 Análise dos dados coletados com os alunos

Questão 1: Gostas de ouvir histórias? Por quê?

Aluno 1 (K. N.)

Sim, porque eu acho interessante.

Aluno 2 (A. F.)

Sim, porque me faz imaginar um monte de coisas, me faz imaginar eu na história, por exemplo! Gosto de ouvir histórias gaúchas, contos e poesias.

Aluno 3 (W. N.)

Sim, gosto, porque é legal ouvir histórias. Sempre tem um final feliz, é ver a apresentação quando escuto histórias.

Aluno 4 (W. E.)

Sim, porque é legal, aprendemos novas palavras estranhas, eu conheço os personagens.

Aluno 5 (L. B.)

Sim, porque é legal porque é importante, eu aprendo muito coisa presto atenção e posso contar minhas histórias.

Aluno 6 (S. M.)

Sim, porque é legal, porque eu aprendo o que acontece nas histórias.

Questionados se gostavam de ouvir histórias os alunos foram diretos 100% respondendo que sim.

Contar histórias para os alunos possibilita suscitar o imaginário, responder perguntas, encontrar e criar novas idéias, estimular o descobrimento de um mundo imenso, enfrentar as dificuldades, dos impasses, e encontrar soluções. É ouvindo histórias que se podem sentir emoções e viver profundamente tudo que as narrativas provocam e suscitam em quem as ouve ou as lê, com toda a significância e verdade que cada uma delas faz ou não brotar. Contar histórias implica também em desenvolver todo o potencial crítico do aluno, pois através da audição de histórias o aluno é levado a pensar, questionar e duvidar, estimulando desta forma o seu senso crítico. Com isso, a narração se coloca para além do texto escrito.

Nesse sentido, o contar as narrações em sala de aula contribui para a sua importância no desenvolvimento dos alunos buscando o imaginário, aprendendo novas palavras, a vida dos personagens e viver um final feliz como nas histórias.

Questão 2: Gostas de ler histórias? Por quê?

Aluno 1 (K. N.)

Não, porque as maiorias das histórias são muito demoradas.

Aluno 2 (A. F.)

Sim, porque incentiva, a saber, mais, também amanhã, ou hoje vou querer ler Também.

Aluno 3 (W. N.)

Sim gosto, porque eu gosto de ler livros sobre Porto Alegre, ela (as histórias) sempre tem um personagem que ele faz na história eu acho legal. Imagino-me como o super homem.

Aluno 4 (W. E.)

Mais ou menos, por que às vezes eu leio e às vezes não leio.

Aluno 5 (L. B.)

Sim, porque eu acho importante ler bastante para eu ser uma boa leitora.

Aluno 6 (S. M.)

Não.

Referente à questão dois onde foram perguntados sobre se gostavam de ler histórias, 50% responderam que sim, 20% mais ou menos e 30% que não.

Nesse sentido, a leitura é o meio de desenvolver habilidades de interpretação, expressão, visão de mundo, melhoria e enriquecimento de vocabulário. Como afirma Bamberger (1987, p. 92) o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura “é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora”, através das influências culturais, e dos esforços conscientes da educação e das escolas públicas.

A disponibilidade de livros representa um papel decisivo no despertar na leitura, assim, como diz a aluna L.B. em sua resposta. Em contrapartida, o aluno K. N. em sua resposta sente desgosto pela leitura por serem histórias longas.

Muitas vezes nos deparamos com histórias longas que acabam desanimando o leitor. O aluno não tem o gosto pela leitura e para que isso aconteça, é preciso que seja motivado e orientado. É preciso resgatar em nossas escolas o gosto pela leitura. Para isto, devem-se valorizar os livros, através de ações que vão torná-los atraentes a nossos alunos.

Ler histórias pode ser o alimento, para o “despertar” do aluno na leitura, pois elas sempre têm algo a dizer para o presente vivido pelo leitor. A leitura cria beleza por meio da palavra: jogando com palavras, ritmos, rimas e imagens, visa, especialmente, ao prazer estético. É através de textos literários, de qualidade, que é possível introduzir a criança na experiência literária de forma lúdica, resgatando o prazer dos jogos sonoros das palavras.

Ao ler uma história à criança, proporciona que ela produza a sua imaginação permitindo assim, que veja heróis e heroínas encarando obstáculos, e assim, cria-se condições para que vá aprendendo que é preciso enfrentar um problema e buscar sua própria solução, superando o medo que a inibe.

Dessa forma, se pais e professores, especialmente, pretendem assumir a posição de agentes disseminadores da leitura, precisam gostar de ler e de contar histórias. A escola é responsável pelo ensino da leitura e da escrita, ampliando as experiências da criança para que possa ler e produzir diferentes textos com autonomia. Nessa perspectiva, vale a reflexão sobre o papel do contato dos estudantes com diferentes textos em atividades de leitura e escrita, dentro e fora da escola, é papel da escola desenvolver relações entre a leitura e o indivíduo.

O aluno que não tem acesso aos livros por falta de orientação, não sabe o que ler, levando-o muitas vezes a ler livros que não estão em consonância com sua realidade e seus interesses.

Além disso, Coelho (2005) afirma que quem lê para criança não lhe transmite apenas o conteúdo da história; promove seu encontro com um modelo de leitor, ao fazê-la captar a entonação, as pausas, a posição do corpo, a maneira de segurar o livro, para logo poder imitá-lo em atividades de simulação de leitura.

Questão 3: Já ouviu/leste narrativas de lendas gaúchas? Qual a que mais gostas? Por quê?

Aluno 1 (K. N.)

Não, ouvi e não li nenhuma lenda.

Aluno 2 (A. F.)

Sim, eu li e ganhei e tenho lá em casa: a “princesa e o sapo”. Não lembro se é uma lenda.

Aluno 3 (W. N.)

Não

Aluno 4 (W. E.)

Não, não me lembro de nenhuma lenda gaúcha.

Aluno 5 (L. B.)

Não

Aluno 6 (S. M.)

Não.

Perguntados sobre a questão três 100% dos alunos disseram que não, que não ouviram nenhuma lenda gaúcha em sala de aula, em casa ou em outro lugar.

O programa curricular adotado no ensino fundamental das escolas públicas estaduais em seu contexto está presente a história do RS, seus costumes, lendas e a cultura.

A prática da leitura das lendas oriundas da oralidade é um processo de “construir significados” a partir do texto oral. Isso se torna possível pela interação dos elementos textuais com conhecimentos do leitor. Quanto maior for a concordância entre eles, maior a probabilidade de êxito na leitura. Assim, a leitura e releitura das lendas tradicionais em sala de aula possibilitam ao aluno conhecer mais sobre os costumes e crenças que nossos antepassados viveram e passaram de geração a geração como um legado. Através das lendas podemos observar uma infinidade de informações acerca de um mundo imaginário, através do qual conseguimos visualizar a sociedade “antiga”, rural na maioria das vezes, bem diferente da realidade vivida pelas crianças de hoje, ou mesmo, das que vivem exclusivamente na zona urbana. Diante da pouca utilização dos textos populares em sala de aula, tornam-se desconhecido do público infantil obras como lendas, e outros textos de origem simples criados de forma livre pelo povo.

Questão 4: Gostastes da história do “Cri Cri o Grilo Gaudério”? Por quê?

Aluno 1 (K. N.)

Sim, porque fala do grilo gaudério, lembro que Ele conheceu uma grila e que ele conseguiu realizar o sonho, dele que era ganhar do touro. Ele levava um violão e tomava chimarrão (figura 1), ele usava uma bombacha, uma bota e um chapéu.



Figura 1: O violão e o chimarrão
Fonte: Carlos Eduardo

Aluno 2 (A. F.)

Sim, a história me lembra que ele era um grilo que queria ser famoso e ser gaudério. Que ele também conheceu uma prenda que no caso era uma grila, num baile de fandango (figura 2 e 3). Eles dançaram e depois ele fez uma serenata para ela. E aí ele levou um xixi na cara do pai dela e ganhou a trova do touro.



Figura 2: A dança gaúcha
Fonte: Carlos Eduardo



Figura 3: O fandango
Fonte: Carlos Eduardo

Aluno 3 (W. N.)

Eu gostei porque ele queria realizar o seu sonho de ser gaúcho como a maioria quer ser, isso me chamou atenção porque ele ganhou do touro, e ele conseguiu conquistar o sonho dele de ser gaudério ganhando a trova do touro. Ele se veste como gaúcho, com bombacha, pilcha ele conheceu a grila num fandango, ele também tomava chimarrão, tocava violão e disputou uma trova com o touro.

Aluno 4 (W. E.)

Sim, eu gostei da parte que ele ganha do touro, gostei da parte que tu fez os alunos rir, e da parte que ele dançou com a prenda.

Aluno 5 (L. B.)

Sim, porque ele consegue realizar o sonho dele, é legal e é importante. Sim eu sabia sobre as coisas sobre o gaúcho eu só nasci no Paraná, mas cresci aqui o que eu gostei da história foi à disputa de trova com o touro.

Aluno 6 (S. M.)

Sim, porque ela foi legal e falou sobre as coisas que não sabia sobre o gaúcho. Eu lembro da trova que ele participou, da grila que conheceu no fandango, ele tocava violão e usava bombacha e bota (figura 4).



Figura 4: A pilcha
Fonte: Carlos Eduardo

Questionados se gostaram de ouvir a história do “Cri Cri o Grilo Gaudério” e o porquê que gostaram, os alunos foram diretos 100% responderam que sim.

A história do “Cri Cri o Grilo Gaudério”, na qual um grilo bom de rima desafiava a todos para um bom duelo. Mostra a figura do gaúcho uma imagem cujo poder simbólico como representação de uma identidade cultural adquiriu uma legitimidade inegável, circulando em diversas instâncias e constituindo, em maior ou menor grau, gaúchos e gaúchas. O grilo (figura 5) em sua busca passa por vários cenários e encontra outros personagens aos quais ajudam na sua busca por fama e glória. A narração resgata os feitos, as lendas e os causos do RS fazendo com que o aluno imaginasse ao lado do grilo em busca do seu sonho como diz o aluno W. N.



Figura 5: O grilo
Fonte: Carlos Eduardo

Uma das formas de aproximar o aluno a história do “Cri Cri o Grilo Gaudério”, foi narrar a história, o contar histórias pode ser visto como uma forma de recreação e terapia, suporte de cultura e, o mais importante, elemento de comunicação, mas, sobretudo um instrumento de diálogo entre o aluno e o conhecimento como diz o aluno S.M.

Nesse sentido, a leitura da história do “Cri Cri” contribui para que o aluno aumente seu vocabulário, seu campo semântico, e levar a descobrir outros lugares, pessoas, culturas, jeito de agir e de ser, sem nunca ter que sair do lugar.

Questão 5: Quais elementos do tradicionalismo gaúcho a história te apresenta? (citar no mínimo 6)

Aluno 1 (K. N.)

Violão, gaudério, chimarrão, bombacha, bota e chapéu.

Aluno 2 (A. F.)

Gaudério, poncho, prenda, gaúcho, trova. A gente gosta, eu gosto de me vestir como prenda, a gente gosta também a família de ficar na frente do fogão a lenha.

Aluno 3 (W. N.)

Guadério, trova, bombacha, pilcha, fandango chimarrão, violão.

Aluno 4 (W. E.)

Chimarrão, chapéu, fandango, trova, cavalo, violão. A minha família gosta de tomar chimarrão (figura 6).

Aluno 5 (L. B.)

Poncho, botas, chimarrão, violão, fandango

Aluno 6 (S. M.)

Gaudério, fandango, chimarrão, trova, violão. Eu aprendi as coisas sobre o gaúcho ouvindo a história e meus avôs tomam chimarrão em casa.



Figura 6: O chimarrão
Fonte: Carlos Eduardo

Para uma melhor compreensão na questão referente aos elementos do tradicionalismo gaúcho é utilizado o Quadro 2 em referência ao Quadro 1, elencando

e identificando os principais elementos do tradicionalismo gaúcho que são os objetos da análise e da aplicação do instrumento da pesquisa.

ELEMENTOS	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6
DANÇAS (fandango)	Violão	–	Fandango; Violão	Fandango; Violão	Fandango; Violão	Fandango; Violão
CHIMARRÃO	Chimarrão	–	Chimarrão	Chimarrão	Chimarrão	Chimarrão
INDUMENTÁRIA (pilcha)	Bombacha; Bota; Chapéu	Poncho	Bombacha; Pilcha	Chapéu	Poncho; Bota	–
CENTRO DE TRADIÇÕES GAUCHAS (CTG)	–	–	–	–	–	–
LENDAS	–	–	–	–	–	–
TROVAS	–	Trova	Trova	Trova	–	Trova
OUTROS	Gaudério	Prenda; Gaudério; Gaúcho; Fogão a; lenha	Gaudério	Cavalo	–	Gaudério

Quadro 2: Elementos apresentados pelos alunos

Fonte: Carlos Eduardo

Os elementos mais citados pelos alunos foram: chimarrão, fandango, violão, trova e gaudério. Esses elementos fazem parte do dia a dia do gaúcho, do apego aos usos e costumes rurais, da saudade dos pagos, que ele, o gaúcho, tratou de amenizar como um culto individual que qualquer gaúcho pode professar em qualquer parte.

Para os tradicionalistas, que participam do Movimento Tradicionalista Gaúcho, no Rio Grande do Sul, o pertencimento implica certos modos de agir e ver o mundo. Assim, o pertencimento à cultura gaúcha exige que se respeitem determinadas normas (vestuário, festivais, dança, música, entre outros).

Segundo Oliven (2006) "para a construção dessa imagem foram criados, a partir da vida campeira e sua associação com elementos de outras culturas

presentes no Rio Grande do Sul, modelos a serem seguidos, cultuados e transmitidos”.

Nesse sentido, a visão do que é ser gaúcho foram criadas devidas essas construções, à necessidade de diferenciação e resistência a culturas alheias. Segundo os tradicionalistas, a continuidade do movimento só será possível através da participação dos mais jovens. Para eles, a “presença tradicionalista na escola busca despertar nas crianças o desejo de pertencer e cultuar os valores regionais”.

Os alunos ao ouvirem a história do “Cri Cri o Grilo Gaudério” identificaram esses elementos aos quais segundo os tradicionalistas representam “o gaúcho, o tradicionalismo”. A continuidade do movimento só será possível através da participação dos mais jovens como diz a aluna A. F.

Conforme Brum (2006, p.3), “a escola revela-se com uma ponte entre a tradição e a criança”. Uma vez que exerce forte influência no pensamento e opinião destas e atinge a maioria delas. Uma cultura só sobrevive no tempo se transmitida às novas gerações como diz a aluna W. E.

Impossível pensar na figura do gaúcho sem lembrar-se das bombachas, botas e lenço vermelho amarrado no pescoço de uma forma peculiar. A pilcha não reproduz apenas um modo de vestir, há por trás da vestimenta a simbologia de uma tradição e de traços culturais que foram sendo agregados através dos tempos.

A figura do gaúcho está associada muitas vezes a certa imagem, o gaúcho da região da campanha, pilchado a cavalo e tomando chimarrão. Sendo assim, o livro “Cri Cri o Grilo Gaudério não foge disso, a história mostra o grilo de pilcha, com seu amigo “Pipeiro” e tomando chimarrão assim, como o aluno S.M em sua resposta.

5.2 Análise dos dados coletados com a Professora

Questão 1: Têm conhecimento da Lei Estadual nº 8744/88 sobre a obrigatoriedade de leitura? Quais as mudanças que você observou depois da implantação dela? Ou ainda não surgiram resultados significativos nas escolas?

Não, não tenho conhecimento sobre essa lei. Mas acho que são automáticos os momentos de leitura porque sem ela, não existe a alfabetização.

Na questão referente à Lei Estadual nº 8744/88 que fala sobre a obrigatoriedade de leitura em sala de aula feita à professora, ela respondeu que não

tem conhecimento, mas, que segundo ela, “- acho que é automático os momentos de leitura porque sem ela não existe a alfabetização”.

Nesse sentido, LEI Nº 8.744 “estabelece o horário semanal de leitura nas escolas com o objetivo de estimular o contato dos alunos com as obras literárias, tanto nacionais quanto estrangeiras. Caberá ao professor da referida disciplina decidir, em consonância com seus alunos, a forma de aproveitamento do horário semanal de leitura, desde que respeitado o objetivo pelo qual foi criado”.

O mediador da leitura é aquele indivíduo que aproxima o leitor ao texto é o facilitador desta relação. Ele tem nas mãos a possibilidade de levar o leitor a infinitas descobertas. Segundo (MORO; ESTABEL, 2009)² “a leitura possibilita a descoberta de um novo mundo, navegar por lugares nunca imaginados.

Os familiares deveriam ser os primeiros mediadores de leitura, pois são os primeiros elos da criança com o mundo.

Segundo Moro e Estabel (2009) “Ao chegar à idade escolar, se a criança não vivenciou o prazer de ouvir histórias no contexto familiar a escola vai influenciar positiva ou negativamente na formação de leitor [...]” É preciso ler com gosto, pois o papel que o mediador da leitura desempenha na motivação de leitura pode interferir com maior ou menor profundidade na formação dos leitores. A prática de leitura é um fator que deve ser realizado, enfaticamente, na sala de aula. a prática de leitura desenvolve com muita segurança, habilidades de construção de textos. Uma vez transformado o espaço da sala de aula em fonte de prazer os alunos devem fazer o compartilhamento das experiências das leituras. O professor tem um papel importantíssimo no processo de leitura, pois a ele cabe toda a tarefa de “fechamento”, que é o de possibilitar o relato das experiências oral ou escrita.

QUESTÃO 2: Quais as principais atividades de leitura desenvolvidas pela escola?

“Com a minha turma, eles têm o costume de iniciar a aula com alguma leitura. Essa leitura é escolhida pelo aluno, dentro do artigo que ele leu o livro que ele gostou ou de um texto que ele viu e eles sempre trazem algo referente com aquilo que eles estão aprendendo em sala de aula. Ou então, ate mesmo outro texto que

² Documento Eletrônico

outro professor deu que eles gostaram, eles trazem para sala de aula e fazem a leitura. Durante a aula tem um momento da leitura silenciosa dos textos. E fora isso, nós temos a biblioteca que usamos uma vez por semana onde eles trocam os livros e cada um escolhe o seu livro leva para a casa e ler e o controle a gente faz como professor é pegar e saber que o aluno levou o livro, que ele leu o livro e que ele trocou o livro. Porque tem alguns alunos que retiram o livro uma vez e nunca mais retiram. Tem momentos no início das aulas, dá para gente falar, qual o livro que retirou, a história que tu leu, conta um pouco, fala sobre o livro gostou ou não gostou porque que gostou”.

A leitura tem um papel cada vez mais importante em nossos dias pois, consideramos uma das maneiras de adquirimos conhecimento e organizarmos o conhecimento. Os educadores têm um papel primordial nesse processo, entendendo-se que de um modo geral devem ter total consciência da importância da leitura a ser realizada na sala de aula. Segundo diz a professora em sua resposta.

Nesse sentido, transformar o espaço da sala de aula em um lugar atraente ao prazer e ao gosto pela leitura os alunos devem fazer o compartilhamento das experiências das leituras.

Na escola de modo geral, diferentes espaços e ações ampliam as possibilidades de leitura, seja buscando livros na biblioteca ou em sala de aula. Essa variedade possibilita, por exemplo, que o empréstimo de livros, possa ser efetivado como uma forma de se promover a leitura como se observa na resposta da professora.

Com o acervo das salas de aula à mão, disposto para leituras, que pode incluir, além dos livros de literatura, os destinados à pesquisa, à busca de informações, muitas atividades poderão ser desenvolvidas de forma mais aprofundada, dispondo-se de um tempo maior para realizá-las.

QUESTÃO 3: Realizas contação de histórias aos teus alunos? Qual a periodicidade?

A literatura é um espaço para utilização da palavra, o professor deve ser o maior incentivador na aproximação da criança ao livro e à leitura, e não só atribuir à escola esse papel. Por isso, para incutir o gosto pela leitura, ele deve, primeiramente, ser um grande leitor e contador de histórias. Uma das formas de

aproximar a criança do livro, pelo gosto do ato de ler, é por meio da leitura ou da contação de histórias que o aluno irá adquirir esse gosto. Através da leitura de histórias, esse pequeno leitor aprende que as palavras podem criar mundos imaginários e a vivência das personagens.

Segundo a resposta da professora referente essa questão ele diz que: “- *Eu contar histórias assim para eles não é regular, durante a semana toda, uma vez que outra no mês eu nesse momento eu leio para eles, eu conto alguma coisa*”.

Coelho (2005) afirma que quem “lê para criança não lhe transmite apenas o conteúdo da história; promove seu encontro com um modelo de leitor”. Nesse sentido, a maneira de segurar o livro, a entonação da voz e as pausas, o aluno vai querer imitá-lo em atividades de simulação de leitura.

Contar histórias é uma das formas de comunicação, contar história, como toda arte, exige beleza e harmonia - quem conta a história deve trazer consigo uma dose de habilidade e comunicação. As histórias devem ser contadas por e com prazer, afinal são fontes maravilhosas de experiências, meios de ampliar o horizonte da criança, e aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca.

O contador de histórias é alguém que atua na prática da narração, o que não significa atuar especialmente em uma prática artística que supõe forçosamente a representação. O contador pode se adaptar a diferentes espaços, diferentes atividades, diferentes experiências para recontar uma história. É alguém que pode intervir de diferentes formas sendo seu próprio autor

QUESTÃO 4: Enfoca o tradicionalismo gaúcho como tema das leituras em sala de aula?

Questionada sobre o tema tradicionalismo como tema de leitura em sala de aula, a professora em sua resposta abordou: “- *Eu tenho na sala de aula uma caixinha de leitura, dentro dessa caixinha, eu tenho livros de lendas gaúchas e que fala sobre nossa tradição. Então eles costumam manusear esses livros nos momentos que eles terminaram de fazer as tarefas podem pegar manusear e ler. Então eles todos tem contato com isso. E depois como o nosso conteúdo de 4ª série é exatamente o RS*”

Assim, a escola, na variedade das funções que lhe são atribuídas, possa e deve contribuir para a divulgação e cultivo do folclore e tradição gaúcha. Como afirma Barbosa (1996, p.7-8) “[...] Tenho convicção de que, cada vez mais, as

instituições (escola, centro de tradições, grupo comunitário) devem assumir o papel de resgate e transmissão de nossas raízes [...]"

Nesse sentido, proporcionar aos alunos o conhecimento e as vivências desta cultura, não deixando morrer sua presença em meio a tantas mudanças e novidades da atualidade. A cultura e folclore de nosso estado são um legado muito forte, acreditando-se, por isso, que deve ser mais valorizado entre os gaúchos. Oportunizando tais vivências para os alunos e professores, será possível a valorização de questões de nossa terra em um espaço de ampliação e construção de saberes que é a escola, o que ajudará para a valorização da essência do "ser gaúcho" na sociedade de hoje. Uma vez que a escola é o reflexo da sociedade em que estamos inseridos e se deve valorizar e trazer, para dentro da sala de aula, questões no cotidiano à identidade da cultura gaúcha. Assim, o tema tradicionalismo estará sempre presentes nas discussões dos alunos. Foi em uma escola que teve origem a semente do culto as tradições – no Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil do Colégio Júlio de Castilhos, em 1947 – e é através dela que o Movimento irá florescer

QUESTÃO 5: Acredita que as narrativas como temas do tradicionalismo gaúcho podem auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos?

"- Sim, porque no momento que eles estão lendo sobre alguma coisa que falam sobre o nossos costumes, eles vão aprendendo e essas palavras do nosso gauchesco, logo eles percebem e eles acham engraçado, mas eles também usam no dia a dia, não usam muitas palavras, mas, no diário eles muitas vezes usam. Podem ajudar no dia a dia deles".

Nessa premissa de que a sobrevivência da cultura gaúcha acontece mais facilmente no momento em que ela é conhecida e vivenciada desde cedo pelas crianças, acredita-se ser relevante a disseminação do tradicionalismo gaúcho dentro do espaço escolar, abordando aspectos culturais do Rio Grande do Sul no decorrer das aulas e articulando tais questões aos conteúdos programáticos do currículo. Assim, por meio de atividades que envolvem os elementos da cultura gaúcha, também é possível o desenvolvimento desse tema transversal, uma vez que contribui para o processo de aprendizagem e da valorização do tradicionalismo que, muitas vezes, vem a ser discriminada por falta de conhecimento. Para que o espaço

da sala de aula seja lugar de prazer e de condições necessárias às diferentes aprendizagens, inclusive a da leitura, é preciso oferecer mínimas condições de ambientação, de cuidado com a sala, de sua preparação e adequação.

QUESTÃO 6: Como a história do “Cri Cri o Grillo Gaudério” contribui para identificar as situações do dia-a-dia do gaúcho? Identificas algum elemento da história no seu cotidiano? Quais?

“- Eles identificaram porque eles viram coisas ali que depois nos fizemos um pequeno trabalho e eles conseguiram tirar assim as palavras que era do uso do gaúcho. Eles conseguiram chegar a entender a história toda, eles tiraram assunto do texto. E também, eles viram a importância como eles disseram: da realização do sonho do “Cri Cri “de ser gaudério (figura 7), colocaram ela direitinho do dia a dia. No meu cotidiano eu vejo muito esses elementos eu costumo dizer que: que sou gaucha não sou brasileira!! Então eu sou muito ligada às coisas do RS, tudo que falam sobre o RS me atrai, e me chama a atenção. Eu percebi a trova, o campo, o fandango esses elementos são bem presentes no nosso dia a dia no nosso chão”..



Figura 7: O “grilo” gaudério
Fonte: Carlos Eduardo

A história narrada trata sobre o universo do gauchismo mostrando sobre o que é ser gaúcho, produzindo identidades mesmo que as identidades não sejam

construídas de maneira linear, constituindo, em maior ou menor grau, gauchinhos e gauchinhas.

Na narração é constante a presença de trovas entremeadas ao texto, as quais também vão contando a história do grilo – muitas das trovas são declamadas/cantadas por Cri-Cri. Na trova “A Seresta”, que tem como tema o *Kerb*, é narrada o encontro de Cri-Cri com Rapunzélia (figura 8).



Figura 8: A Rapunzélia “grila”
Fonte: Carlos Eduardo

A Trova é uma poesia em sextilhas, cantada de improviso e realizada em desafio por dois cantadores acompanhados por músicos. Segundo Barboza (1996: 106), ela apresenta, geralmente, uma seqüência que parte da saudação; passa pelo assunto e pelo “puaço”, espécie de agressão verbal; e termina com a despedida. A prática exige habilidade técnica, destreza de pensamento, resistência e disponibilidade para o jogo. O assunto toma consistência até esgotar um dos desafiantes, que propõe o verso de despedida, sendo seguido pelo cantador vitorioso.

6 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento deste estudo na atividade da história do “Cri Cri”, pôde-se verificar que a turma envolveu-se bastante nas questões ligadas aos elementos da cultura tradicionalista gaúcha, trazendo alguns relatos de histórias vivenciadas por eles e por familiares evidenciando que a leitura trouxe sentidos e significados que a leitura propicia.

A professora da turma mostrou-se sempre muito disponível em colaborar, afirmou que este é um trabalho que mostra a importância de expressar os costumes e a tradição em sala de aula, principalmente em relação à comemoração da Semana Farroupilha que envolve os alunos, a direção da escola e os familiares. A percepção da professora, dos alunos e da família, através da atividade de leitura realizada possibilitou novas aprendizagens sobre o nosso Estado, seus costumes, suas lendas, sua cultura e tradição.

Verificou-se que, oportunizando vivências de leitura, de narração de histórias tendo como tema o gaúcho, como a história do “Cri Cri”, é possível a valorização de questões de nossa terra em um espaço de ampliação e construção de saberes que é a escola, auxiliando a valorização da essência do ser gaúcho na sociedade atual e possibilitando novas aprendizagens. É importante destacar que, como a sociedade e a escola vivenciam um processo de evolução tecnológica, econômica e social, também a tradição gaúcha passa por inevitáveis mudanças. São essas transformações, decorrentes da evolução social que, muitas vezes, fazem desaparecer questões, fatos e informações importantes referentes à cultura de nosso povo, o que acaba por enfraquecer e empobrecer as manifestações das tradições gaúchas, perdendo-se com isso, alguns aspectos da nossa identidade como gaúchos.

A cultura tradicionalista gaúcha, quando não cultivada em seus (CTGs), somente, é lembrada pela sociedade na Semana Farroupilha, quando se realizam começam as comemorações com fandangos, cavalgadas, desfiles temáticos e propagandas comerciais. A comunidade, muitas vezes, esquece o verdadeiro sentido da tradição cultural, não a vivência em seu cotidiano ou também não valoriza questões referentes ao tradicionalismo. Elas, sem perceber, cultivam no seu dia-dia, como o simples fato de cevar e tomar o mate, fazer o churrasco ou o carreteiro,

escutar músicas nativas, declamar poesias gauchescas, conhecer lendas gaúchas, participar de jogos e brincadeiras da memória do interior da estância.

Muitos conhecem e até criticam a indumentária, porém poucos percebem seus detalhes e seu contexto; a grande maioria das pessoas que nasceram no Rio Grande do Sul, toma chimarrão e reúne seus familiares e amigos tendo à mesa o churrasco, saboreiam o carreteiro entre outros vivenciando atividades da nossa tradição cultural, passadas de geração a geração, mas sem a conscientização que, através dessas ações, estão também preservando a tradição gaúcha. É nos simples fatos do cotidiano e nos conhecimentos do senso comum que está presente a essência do gaúcho e, isso deve ser lembrado e apreendido em sala de aula através de atividades de leitura, para que se recupere a nossa tradição cultural.

Nesse sentido, é preciso desmistificar a premissa de que só é possível cultivar a tradição gaúcha participando de espaços tradicionalistas e aceitar o fato de que podemos cultivar nossas raízes em lugares e espaços variados. Começando na família pelas próprias escolas (salas de aulas e bibliotecas), nos CTGs, no grupo comunitário, nos ambientes de trabalho, enfim em todos os espaços de convivência das pessoas, recuperando as nossas raízes tradicionalistas e valorizando a identidade gaúcha.

Desse modo, acredita-se na importância e até mesmo na necessidade de a família, escola e a sociedade gaúcha manter viva a autenticidade da cultura regional, utilizando os recursos e os elementos presentes no cotidiano presente na leitura e nas atividades como as contações de histórias em todos os espaços.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo F. de. **Leitura, Mediação e Apropriação da Informação**. In: SANTOS, Jussara P. (Org.) A Leitura como Prática Pedagógica na Formação do Profissional da Informação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007, p.33-45.

BAMBERG, Richard. **Como Incentivar o Hábito da Leitura**. São Paulo: Ática, 1987.

BARBOSA LESSA, Luís Carlos. **O Sentido e o Valor do Tradicionalismo**. Porto Alegre: SAMRIG, 1979.

BARBOZA, Maria Cândida. **Aspectos de Folclore, Tradição, Cultura**. Passo Fundo: Ed. Pe Berthier, 1996.

BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Bitencourt. **A Hora do Conto: da fantasia ao prazer de ler: subsídios a sua realização em bibliotecas públicas e escolares**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzato, 1995.

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BRUM, Ceres Karam. **O Movimento Tradicionalista Gaúcho e a Escola. Perspectivas Pedagógicas e Educacionais. Uma Análise Antropológica das (re) Configurações de Identidades Plurais**. Projeto de pesquisa, ensino e extensão universitária. UFSM, 2006.

CAMARGO, Odalgil Nogueira de. **Falando em Tradição e Folclore: conhecimentos básicos da cultura e tradições do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Ed.Gráfica Pe. Berthier, 2000, 258 p.

CORTÊS, João Carlos Paixão. **Origem da Semana Farroupilha: primórdios do Movimento Tradicionalista**. Porto Alegre: Evangraf, 1994.

DELVAL, Juan Antonio. **Vygotski, Piaget: a formação do conhecimento e a cultura**. In: Educação & realidade. Porto Alegre Vol. 26, n. 2 (jan./jun. 2001), p. 18.

FAGUNDES, Antonio Augusto. **Curso de Tradicionalismo Gaúcho**. 3 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997, 151p.

FISCHER, Luís Augusto. Fantasma setentistas. **Zero Hora: Segundo Caderno**. 10 de julho de 2010, N° 16392. Disponível em:
<<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a2966144.xml&template=3916.dwt&edition=15063§ion=1029>> Acesso em: 13 de jul. 2010.

FRANZ, Marie Louise Von. **A Interpretação dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1981.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 41 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206 p.

INFANTE, U. **Texto**: Leitura e escritas. São Paulo: Scipione, 2000.

JACKS, Nilda Aparecida. **Cultura Gaúcha e a Construção da Identidade regional**. In: Brasil, Brasis: identidades, cultura e mídia. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008, p. 207-229.

JOLIBERT, Josette. **Formando Crianças Leitoras**. Volume I. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, L. A. B. **Rio Grande do Sul, Aspectos do Folclore**. Porto Alegre: Ed. Martins Livreiro, 1998.

MEMORIAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Caderno de História**, nº 22. Antonio Augusto Fagundes. Disponível em: <<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/tradicionalismo.pdf>> acesso em: 4 de junho de 2010.

MTG. **Documentos**. Disponível em: <<http://www.mtg.org.br/documentos.html>> acesso em: 13 de jul. de 2010.

MORO, Eliane L. da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. **O Processo da Leitura na Família, na Escola e na Biblioteca Através das Tecnologias de Informação e de Comunicação e a Inclusão Social das Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais**. Disponível em: <http://niee2.ufrgs.br/~teleduc/cursos/diretorio/leituras_17_3//leitura_tics_pnees.pdf?1290435920>. Acesso em: 13 de jul. de 2010.

NEVES, Iara C. B. **A Leitura como Prática Pedagógica na Formação do Profissional da Informação**. In: SANTOS, Jussara P. (Org.) A Leitura como Prática Pedagógica na Formação do Profissional da Informação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007, p. 17-32.

NEVES, J. L. **Pesquisa Qualitativa**: características, usos e possibilidades. Cadernos de Pesquisas em Administração, v. 1, n.3, 2º sem., 1996.

OLIVEN, Ruben George. O Rio Grande se vê no espelho. In: **Zero Hora**, Porto Alegre, RS (6 set. 2008), p. 6: il.

_____. **A parte e o todo:** a diversidade cultural no Brasil - nação. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

ORREDA, José Maria. MTG e CTGs, Movimento Tradicionalista Gaúcho e Centro de Tradições Gaúchas: **Revista História em Debate:** Irati, 1999.

Pampa Tradição online. **Churrasco e Chimarrão** Disponível em:
<http://www.pampasonline.com.br/tradicao/tradicao_churrascoechimarrao.htm/>
acesso em: 13 de jul. 2010.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A Renovação do Conto:** emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

SARAIVA, Gláucus. Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista do Rio Grande do Sul. **8º Congresso Movimento Tradicionalista do Rio Grande do Sul,** taquara, 1961.

SCHÜLLER, Fernando Luís; Bordini Maria da Glória (Organizadores); Schlee, Aldyr Garcia... [et.al.]. **Cultura e Identidade Regional.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, 114 p.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

VYGOTSKY, LEV S. **A Formação Social da Mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 168p. (Coleção Psicologia e Pedagogia. Nova Série).

VYGOTSKY, LEV S.. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987. 135 p. (Coleção Psicologia e Pedagogia).

YIN, Robert K. **Estudo de Caso:** planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 205 p.

ANEXO A – LEI Nº 8.744, DE 9 DE NOVEMBRO DE 1988

Cria o Plano de Expansão da Rede de Bibliotecas de Escolas Públicas, estabelece o horário semanal de leitura nas escolas do Sistema Estadual de ensino e dá outras providências.

PEDRO SIMON, Governador do Estado do Rio Grande do Sul.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 66, item IV, da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º - O Estado deve elaborar, dentro do prazo de 120 (cento e vinte) dias a partir da publicação desta Lei, o cronograma físico-financeiro do Plano de Expansão da Rede de Bibliotecas Públicas, o qual deverá ser implantado em um prazo mínimo de 3 (três) anos.

Art. 2º - Os recursos para a viabilização e manutenção deste plano constarão do orçamento anual da Secretaria de Educação.

Art. 3º - Caberá aos Órgãos competentes do Poder Executivo estabelecer, a partir de um levantamento das carências de cada localidade, as prioridades e as etapas de execução do referido plano.

Art. 4º - Ficam as Delegacias de Educação incumbidas de inspecionar semestralmente as escolas sob sua jurisdição, a fim de averiguar se estas estão equipadas com bibliotecas dentro dos critérios estabelecidos pela Indicação 33/80 do Conselho Estadual de Educação (CEE).

Parágrafo único - Constatada em qualquer escola a inexistência de biblioteca, ou a existência em condições precárias, deve a Delegacia de Educação responsável remeter relatório, através da Secretaria de Educação, ao Conselho Estadual de Educação, que determinará as providências a serem tomadas.

Art. 5º - Fica instituído, nas escolas que já possuem biblioteca e progressivamente nas que a forem tendo, o horário semanal de leitura nos estabelecimentos do Sistema Estadual de Ensino, com o objetivo de estimular o contato do educando com obras literárias, tanto nacionais quanto estrangeiras.

§ 1º - ... vetado ...

§ 2º - Caberá ao professor da referida disciplina decidir, em consonância com seus alunos, a forma de aproveitamento do horário semanal de leitura, desde que respeitado o objetivo pelo qual foi criado.

Art. 6º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 9 de novembro de 1988.

Fonte: <http://www.al.rs.gov.br>